

## AUTORIA FEMININA NO SECULO XIX: ROSALIA SANDOVAL

Maria do Rosário A. Pereira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é resgatar e comentar, de modo sucinto, informações sobre a escritora, poeta e educadora Rosália Sandoval, nascida em Maceió provavelmente em 1876. Pretende-se, ainda, estudar um pouco de sua produção literária esparsa em jornais da época e, sobretudo, no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, em especial dois poemas publicados em 1900. A produção da autora é mais uma que atesta a vitalidade da literatura de autoria feminina e a importância literária, histórica e cultural de se resgatarem nomes pouco conhecidos.

**Palavras-chave:** resgate histórico; *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; Rosália Sandoval.

**ABSTRACT:** This paper aims to rescue and briefly comment information about the writer, poet and teacher Rosália Sandoval, born in Maceió, probably in 1876. It intends yet to study her literary production spread in newspapers of her time, mainly in the *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, specially two poems published in 1900. The authoress's production shows the feminine literature's vitality and the literary, historical and cultural importance of bringing up names little known.

**Keywords:** historical rescue; *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*; Rosália Sandoval.

Assim as semanas, assim os meses, assim os anos. E choviam almanaques, muitos deles entremeados e adornados de figuras, de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas. E choviam. E chovem. E hão de chover almanaques.

O Tempo os imprime, Esperança os brocha; é toda a oficina da vida.

*Machado de Assis, "Como se inventaram os almanaques", crônica de 1890*

Os conceitos de crítica genética, crítica biográfica e arquivo constituem-se em ferramentas interessantes quando se tem em mãos pesquisas que procuram resgatar escritores/escritoras pouco conhecidos(as). Faz-se necessário refletir sobre o próprio conceito de arquivo, entendido ao mesmo tempo como uma instância física e social, "onde se guardam os rastros documentais do passado, de que se vale o historiador, por exemplo, para estabelecer as provas documentais

---

<sup>1</sup> Professora doutora CEFET-MG.

necessárias à elaboração do conhecimento histórico” (MARQUES, 2008, p. 105). A noção/imagem passiva de arquivo também deve ser problematizada, caso se pense nele meramente como um conjunto de guardados submetidos às intempéries e à ação do tempo e/ou da poeira, ou mesmo uma porção de documentos amontoados, quem sabe, em um baú escondido – podendo ser esse baú, é claro, a própria memória.

Eneida Maria de Souza, em seu texto “A biografia, um bem de arquivo”, inicia suas reflexões salientando o fato de que a atividade em arquivos não atrai muito a atenção dos estudiosos de literatura justamente por se confundir esse tipo de pesquisa com “uma atitude conservadora e retrógrada”. (2008, p. 121) No entanto, o que se tem, na verdade, é uma espécie de revitalização da figura do autor, em geral praticamente esquecido pela historiografia literária oficial, ou ainda a descoberta de textos e projetos literários até então não antevistos na obra de um referido autor. No caso das escritoras, contingências históricas, políticas, econômicas e culturais foram decisivas para o apagamento sistemático que se observa no que se refere à produção literária delas até fins do século 19.

O Grupo de Pesquisa Letras de Minas, sob coordenação da professora doutora Constância Lima Duarte, é vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais e conta com a participação de doutoras e mestres em Letras e cursos afins. Cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, empenha-se, desde 2006, em pesquisas que têm como mote o resgate histórico de escritoras pouco conhecidas. Reuniões periódicas acontecem regularmente com o propósito de se estudar a produção literária de autoria feminina, discutir textos acadêmicos relacionados ao tema e, ainda, planejar eventos e pesquisas em conjunto. Seis publicações são fruto direto das pesquisas desenvolvidas: *Mulheres em letras: antologia de escritoras mineiras* (2008); *Escritoras mineiras: poesia, ficção e memória* (2010); *Falas do outro. Literatura, gênero, etnicidade* (2010); *A escritura no feminino: aproximações* (2011); *Mulheres de ontem e de hoje. Antologia* (2012); e *Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos* (2014). Além disso, várias integrantes têm capítulos e artigos em publicações esparsas. Só isso já atestaria a vitalidade dessas pesquisas; no entanto, a organização de eventos, como colóquios nacionais, mantendo uma periodicidade, também demonstra o quão profícuos são esses estudos e o quanto a busca por um diálogo interdisciplinar e entre universidades pode fortalecer tal linha de pesquisa.

Recentemente, o grupo participa, em parceria com pesquisadoras portuguesas do CLEPUL e da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob a coordenação da professora doutora Vânia Chaves, do projeto “As Senhoras do Almanaque”, que investiga a presença de escritoras tanto portuguesas quanto brasileiras no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, publicação que se estendeu de 1851 a 1932. No que se refere aos textos das brasileiras, foram encontrados poemas, charadas e mesmo textos em prosa de difícil classificação de autoras já conhecidas do grande público, mas também de ilustres desconhecidas, até porque muitas assinavam seus trabalhos com pseudônimos, abreviaturas ou mesmo os deixavam sem nenhuma assinatura, mantendo-os sob o anonimato. Trata-se de número substancial de escritoras brasileiras: em 2013, ano em que se iniciou a pesquisa, já eram quase 700 nomes, de diferentes regiões do país. (DUARTE, 2013) O objetivo desta pesquisa conjunta é estabelecer um índice de seus nomes, a partir da elaboração de uma ficha bibliográfica que aponte local de nascimento, formação e produção literária das escritoras, além de outros dados possíveis, com vistas à divulgação *on-line* e em antologias, ao menos daquelas cujos textos tenham expressividade e relevância comprovadas. Também objetiva-se disponibilizar para futuros pesquisadores interessados na temática os próprios textos, a fim de que estudos mais aprofundados possam ser realizados no meio acadêmico. Eventos sobre mulheres e periodismo completam a agenda dos grupos.

Rosália Sandoval foi uma das tantas escritoras que publicou no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, composto de 86 volumes e que reúne textos informativos sobre temas diversos e escritos em gêneros também diversificados – há textos históricos, culturais e de cunho social; há poemas, passatempos e charadas, por exemplo. As inúmeras colaboradoras, portuguesas e brasileiras, foram, em sua grande maioria, ignoradas pela História, ainda que existam registros de que algumas tenham alcançado certa projeção à época e ganhado a admiração de editores e colaboradores masculinos. O projeto que hoje procura resgatar a produção dessas mulheres, reconstituindo e ao mesmo tempo analisando suas produções, por seu caráter interinstitucional e ainda pela relevância de se (re)conhecer uma produção praticamente inexplorada e desconhecida por parte da Academia e do público em geral, certamente contribui para que novas luzes sejam lançadas em direção à literatura de autoria feminina no século 19. Nas palavras de Constância Lima Duarte:

A constatação de que a literatura de autoria feminina, a consciência feminista e a imprensa das mulheres surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, ainda no século XIX, é válida também para Portugal. E tal fato nos permite ter uma percepção nova de todo o processo. Ou seja: quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente elas se apoderaram da leitura, que, por sua vez, as levou à escrita e à crítica. Assim, independentemente de serem poetisas, ficcionistas, professoras ou jornalistas, a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição de subalternidade a que o sexo estava submetido, e permitiu a muitas realizar uma obra engajada, tal o tom de denúncia e de reivindicação que os primeiros escritos contêm, em sua grande maioria. (DUARTE, 2014, p. 33-34)

No excerto, observa-se um percurso do letramento alcançado pela parcela feminina da sociedade: primeira a leitura como forma de empoderamento e, a seguir, a escrita, até que o processo de conscientização pudesse finalmente ser alcançado e essa escrita passasse a conter um caráter crítico. Como se sabe, tal percurso não se deu de modo imediato, mas sim progressivamente, à medida que a própria sociedade amadurecia e criava condições para que as mulheres pudessem de fato alcançar seus direitos.

Sob essa perspectiva, a imprensa teve um papel fundamental para que ideias inovadoras fossem a pouco e pouco alcançando um número maior sobretudo de leitoras, já que os periódicos foram, além dos primeiros, durante muito tempo, os principais meios de acesso ao letramento e, principalmente, à produção letrada feminina. Publicações como o *Almanaque*, além de permitirem, incentivavam a participação feminina em suas páginas. Desde seu surgimento, em meados do século XIX, em quase todos os números encontram-se produções assinadas por brasileiras. Quando se consideram as restrições rígidas enfrentadas pelas mulheres àquele momento, no que se refere, por exemplo, à escolarização, uma vez que não podiam frequentar escolas, muito menos divulgarem suas ideias, fica clara a dimensão que uma publicação como essa poderia atingir.

Assim, o *Almanaque* se constituiu certamente em um importante espaço para divulgação de ideias e de conhecimento, bem como significou o estreitamento dos laços entre escritoras portuguesas e brasileiras. Seu surgimento, de acordo com Romariz (2011), se deu em um momento apropriado para aproximar as culturas em questão:

O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* surgiu numa altura em que este género de publicações alcançara não apenas em Portugal mas também no Brasil, incontestável importância e expansão. Os intelectuais dos dois lados do Atlântico perceberam os seus benefícios e, em particular, a possibilidade de atingir um vasto público e, com isso, melhor contribuir para a aproximação cultural entre as duas nações e para o interesse pela literatura e a cultura de ambas, bem como de outros territórios de língua portuguesa. (p. 16)

Publicação por natureza híbrida – uma mistura de jornal, revista e livro –, ficava no limiar entre o literário e o jornalístico, por englobar textos peculiares como charadas. Nas palavras de Vânia Chaves, “ele deve ainda ser enquadrado no subgrupo dos almanaques literários, por apresentar, além de vasta informação prática para o ano vindouro, passatempos, textos muito variados sobre os diversos campos do conhecimento humano, composições literárias em verso e em prosa, bem como artigos de natureza histórico-crítica sobre autores e obras da literatura universal”. Prestigiado e popular em seu tempo, como lembra ainda a mesma pesquisadora, hoje é um ilustre desconhecido. Saliente-se que, durante sua vigência, passou por muitas modificações, como atesta Romariz:

(...) mantendo o rumo traçado pelo seu criador, Alexandre Magno de Castilho, o *Almanaque de Lembranças* sofreu consideráveis mudanças no longo período em que circulou (...). Para além das alterações que ocorreram no seu nome, teve também aumentado em muito a sua extensão (cerca de cem páginas no primeiro número e até mais de quinhentas em outros volumes, aos quais se juntou, por vezes, um Suplemento), e foram alargando e diversificando as suas matérias. (2011, p. 14)

Ainda de acordo com a pesquisadora, passatempos, textos em prosa e verso deixaram, em certo momento, de estar ligados a um dia específico do ano e passaram a se constituir em uma seção à parte intitulada “Variedades”. No que se refere à participação feminina no *Almanaque*, esta foi crescente. Saliente-se que seu editor aceitou, desde os primeiros números, colaborações de leitores, o que certamente favoreceu a incursão feminina por essas páginas. Em 1854 já havia quatro textos produzidos por mulheres. Em 1900 a colaboração feminina alcança seu ápice, com 150 colaboradoras. Todos os volumes passam a incluir algum texto por elas publicado. No entanto, entre as décadas de 1910 e 1930, há um

decrécimo na quantidade de textos publicados, conforme dados de Duarte (2013), e as causas desse fenômeno ainda precisam ser melhor investigadas. Como hipótese há o fato de que, no Brasil, nesse período surgiram várias publicações na imprensa feminina, e talvez, até por uma questão de facilidade/proximidade, tenham optado por publicar em terras nacionais.

Neste artigo será dada especial atenção a Rosália Sandoval, nascida em Maceió, Alagoas, provavelmente em 1876, e falecida em 1956, aos 80 anos de idade, no Rio de Janeiro. Como escritora, compôs uma vasta produção intelectual, atuando como poeta e educadora. Sua estrutura familiar é um pouco obscura: sabe-se que ficou órfã de pai, o Major Felício de Abreu, ainda criança, e praticamente não há informações sobre sua mãe. Tinha dois irmãos, Sebastião Abreu, também poeta, com quem mantinha afinidades, inclusive no campo literário, mas a quem perde cedo, e J. Rosalvo de Abreu, com quem, ao contrário, não mantinha grandes relações. Ao que tudo indica, a família não tinha muitas posses, ainda que tenha deixado-lhe como herança o apreço à cultura. Já mais velha transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde viveu sozinha até o fim da vida. Seus traços biográficos são de difícil reconstituição por parte dos pesquisadores: de acordo com Luciana Fonseca, nem os registros públicos das escolas em que a escritora estudou ou atuou como professora e diretora foram encontrados. (p. 715) Isso referenda a ideia de que o apagamento de escritoras é uma situação que precisa, de fato, ser melhor investigada, já que existiram muitas mulheres que se dedicaram à escrita, de formas variadas, e que, por diversos fatores, foram relegadas da história literária. De acordo com Zahidé Muzart,

No Brasil, a literatura feminina somente começa a ser visível, ou um pouco respeitada, no primeiro quartel do século XX. Ainda que produtivas, nossas escritoras ficaram excluídas da historiografia literária, mas, curiosamente, embora à margem, a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias. (...) Além da produção em jornais, elas publicaram muitos livros, uma produção, ainda que desaparecida, nada desprezível. Estranhamente, tudo isso foi sendo colocado de escanteio a partir do século XX, e somente com algumas pioneiras – como Josefina Álvares de Azevedo, Corina Coaracy, Carmem Dolores e, principalmente, já no século XX, com a precursora obra de Gilka Machado, ou a de feministas como Maria Lacerda de Moura – é que a mulher foi

conseguindo firmar pé na literatura e na cultura brasileiras.  
(MUZART, 2003)

Como se nota, pesquisas que resgatam essa produção praticamente desconhecida na atualidade já teriam, por si só, validade. Quando se depara, então, com a multiplicidade de incursões no universo literário e jornalístico, o mérito fica ainda mais evidente. No caso de Rosália Sandoval, o fato de ela não ter pertencido à “panelinha acadêmica”, conforme afirmação de Graciliano Ramos, e, mais ainda, de ter feito parte de uma sociedade que considerava a mulher intelectualmente inferior, pensamento dominante no século 19, tornam-na ainda mais vitoriosa. Com uma literatura que procurava abordar temas comuns do cotidiano e tendo produzido livros didáticos, os quais, inclusive, dedicava, em geral, a suas alunas, a pouco e pouco a escritora alagoana foi conquistando seu espaço e conseguia mesmo sobreviver às custas de seu trabalho. Sendo solteira, de origem humilde e mestiça, organizou até mesmo um periódico, intitulado *O Rosal* – aliás, mistura de Rosália com Sandoval.

Com o subtítulo “Dedicado à mulher alagoana”, com periodicidade de dois números por mês, como se lê em um exemplar de 1903, o periódico tinha como redatoras Rosália Sandoval e Rita Souza, e diretor, Themistocles Machado. No exemplar examinado – único, impresso, encontrado na Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro –, encontramos informações interessantes. No número 2 de 31 de agosto de 1903, cujas informações nos foram gentilmente cedidas por pesquisadoras do projeto “Literatura, imprensa e emancipação da mulher no Brasil: do séc. XIX à contemporaneidade”, coordenado pela professora doutora Constança Lima Duarte, encontramos, na primeira página, emoldurado, o seguinte escrito: “A memória querida de Cyridião Durval – o saudoso poeta dos Accordes.” Na página seguinte há uma pequena biografia do homenageado, pelo aniversário de sua morte; e no artigo de Rita Souza, dirigido ao público leitor masculino, encontram-se laivos em favor da emancipação feminina:

Acho deveras curioso e, francamente, não posso traduzir o riso que assoma aos lábios dos antifeministas – de quase todos os homens em geral quando pronunciamos a frase – *emancipação da mulher*. Não posso traduzir, digo, porque nada vejo de risível no desejo que todas temos, latente ou manifesto, de ver melhoradas as nossas condições.

O texto mostra uma contradição latente no modo como a sociedade enxergava as mulheres: consideravam-na uma “eterna criança”, mas lhe davam graves deveres. E arremata a autora: “Desejamos é que se nos faça justiça. Queremos é a nossa independência. E havemos de consegui-la, esperamos.” Além desse artigo, o referido exemplar traz poemas, dentre os quais “Quadro”, de Rosália Sandoval, e um texto em prosa de Maria Eulália. Como se vê, trata-se de um importante periódico que, no começo do século XX, apontava novos horizontes.

Sabe-se que Rosália Sandoval escreveu literatura por quase meio século, aproximadamente de 1899 a 1946, além de ter sido tradutora, conforme atesta uma carta de reconhecimento por ela recebida do crítico literário Romeu de Avelar, pela boa qualidade da tradução em *Versos alheios*, de 1930. No *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* – que posteriormente passa a se chamar *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* –, publicou nos anos de 1896 a 1904, e ainda em 1907 e 1911. Realizou incursões em gêneros diversificados, escrevendo textos em prosa, poesia e mesmo logogrifos. No primeiro ano de sua participação, colabora com os textos “Sobre um túmulo” (prosa) e “A Miss Mary” (poesia); em 1897, publica um logogrifo; em 1898, “O miosótis” (prosa) e “A uma amiga” (poesia); em 1899, “Risos e goivos” (prosa) e “O guarani” (poesia); em 1900, “Alvoradas” (prosa) e “Saudações”, poema que será brevemente comentado a seguir; em 1901, “Flor de neve” (prosa); em 1902, “O caracol” (poesia); em 1903, “Violeta” (prosa) e “Súplica” (poesia); em 1904, “Ele” (poesia); em 1907, “Relembrando” (poesia); em 1911, “Epílogo” (poesia), finalizando sua participação. Mapear essa produção é de suma importância para que se perceba o fôlego e a versatilidade da escritora. “Saudações”, publicado em 1900 e dedicado “À maviosa e simpática poetisa D. Ibrantina Cardona”, expressa, numa espécie de “resenha poética”, a homenagem de Rosália a uma poeta que a ela certamente era cara e que também participou de modo expressivo do *Almanaque*:

Ao ler o teu livro, oh flor das Musas,  
Repasado de um róseo idealismo,  
Sorvi a tragos todo esse lirismo  
Mais doce que o olhar das andaluzas!

Plectros – escrínio de custosas prendas,  
Onde canta a sorrir a poesia:  
Jardim, onde a ligeira Fantasia  
De filigranas levantou as lendas.



Vejo em teu livro irradiações divinas!  
E os teus versos, na lira perfumada,  
Às vezes têm as cores da alvorada,  
– Outras – o perfume das campinas.

O teu livro sonoro, oh! poetisa,  
Feito de luz de estrelas e de auroras...  
Sinto, ao tocá-lo, as vibrações canoras...  
E aspiro o encanto do rumor da brisa. (...)

O poema segue, ressaltando que a “meiga fada”, “sacerdotisa de um ideal risonho”, a cativara por meio de sua escrita. Casada com o jornalista Francisco Cardona, Ibrantina também parecia ser uma mulher à frente de seu tempo. Conforme o biógrafo dessa escritora, Arruda Dantas, na cidade de Mogi-Mirim, em São Paulo, onde viveram, dizia-se do casal que eram “separados”: na frente morava o marido, nos fundos, a mulher; duas portas no banheiro, uma para cada um; ingeriam as refeições separadamente e não se falavam. Teria sido um casamento por convenções? Fato é que tanto Ibrantina Cardona quanto Rosália Sandoval pareciam fazer parte de um grupo de mulheres que encontrava no fazer literário uma porta de entrada para um mundo até então masculino. No entanto, para Luciana Fonseca, a literatura produzida por Rosália não expressava diretamente os anseios femininos:

Os aspectos religiosos, a profusão de histórias e lendas por ela narradas são marcas da ideologia que a escritora absorveu da formação que teve, de acordo com os valores tradicionais ditados pelo conservadorismo do fim do século XIX. Ao reproduzir um discurso de caráter absolutamente patriarcalista, Rosália Sandoval projeta conflitos que revelam desejos e expectativas diante de temas aparentemente sem importância. (p. 718)

Ainda que Rosália Sandoval não pareça ter tocado diretamente em temas feministas ou mesmo polêmicos para a época em seus textos literários, a citação acima não parece correta, ao menos em sua totalidade, uma vez que a própria iniciativa do periódico *O Rosal* parece apontar para uma participação feminina mais contundente – haja vista os textos mencionados anteriormente em que se percebe claramente um teor feminista. No que se refere aos poemas da escritora, porém, textos como “Amor”, publicado no *Diário de Maceió* em 1931, em que se ressalta o amor cristão; “Borboletas”, publicado no *Correio de Alagoas* em

1905, em que se discorre sobre a efemeridade da vida por meio de “borboletas louras e franzinas” entrevistas pelo eu lírico; minicontos como “A maior esmola”, publicada em *A Violeta*, em 1939, de claro cunho religioso, e tantos outros, mostram um fazer literário nada engajado. Tal afirmação nos faz lembrar da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles, que, certa feita, afirmou que a mulher, durante tanto tempo restrita às atividades domésticas, não poderia mesmo falar de outra coisa. Daí ela cria a figura da “mulher-goiabada”, aquela que mexia, como suas ancestrais, o doce na panela e ao mesmo tempo escrevia pensamentos, poemas e textos diversos aparentemente descompromissados entre uma receita e outra. Para Lygia, uma certa tradição literária feminina de veio intimista, tão menosprezada por alguns críticos, reflete apenas a figura de uma mulher há anos remexendo infinitamente o tacho de doce: “Trancada a sete chaves, não dispunha de uma fresta sequer para se expressar. Agora ela está se descobrindo: que mundo há de querer mostrar senão o próprio?” (TELLES. A mulher escritora e o feminismo no Brasil, p. 58)

Certamente também as ideologias e tradições que acompanhavam a educação das mulheres permearam suas primeiras produções, pois, naturalmente, esse era o universo que conheciam. Se algumas superavam rapidamente esse tipo de escrita, buscando atuar de modo crítico, nem todas alcançavam o mesmo resultado. Seja como for, todas essas mulheres fazem parte de uma história das mulheres cheia de idas e vindas, e só o fato de já se debruçarem sobre a escrita era um enorme passo. Ressalte-se que Rosália Sandoval participou também de periódicos de outros estados do Brasil, como o jornal *A Estrela*, no Ceará (1906), de que foi colaboradora assídua; *O Feminista* (1902) e *Alvorada* (1910), ambos em Alagoas, em que colaborou de modo esporso; *O Lyrio* (1902), de Recife, no qual colaborou assiduamente; *A Lira*, também no Recife, em que colaborou de modo esporso em 1903; a revista *A Violeta*, de Mato Grosso, além das importantíssimas colaborações de além-mar do *Almanaque*. Nas palavras de Fonseca, “o fato principal é que Rosália Sandoval, aparentemente de acordo com o que exigia a sociedade, rompeu o cerco em que fora encerrada e produziu uma literatura que pôde ser vista”. (p. 719)

Sendo assim, ímpar é a contribuição da escritora para o panorama das letras no século 19. Retomando a epígrafe de Machado de Assis que abre este trabalho, observa-se o quão significativos são os almanaques como forma de registro de seu tempo e também como entretenimento. Nas palavras de Eça de

Queirós, “o almanaque é o livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas dentro das quais circula, com precisão, toda a nossa vida social”. No que se refere ao *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, a produção das “senhoras” é ressignificada quando se pensa no contexto àquele momento, e ele se torna mais uma prova incontestada acerca da vitalidade da produção feminina.

No que se refere ao próprio *Almanaque*, ainda, destaca-se o caráter de abrangência por ele pretendido desde suas origens, já que, em seu prólogo, o editor assinala, para além da variedade de textos, o objetivo de que ele atingisse diversas camadas sociais e pessoas de diferentes níveis culturais. Isso aponta para a acessibilidade da publicação, considerada por Alexandre Magno de Castilho uma “livraria em miniatura”, livraria esta que viabilizou uma aproximação entre o público feminino e as letras. Entre outras razões, por tornar audível a voz feminina, a repercussão e recepção crítica do Almanaque foram muito positivas à época, o que se comprova por suas tiragens, que chegaram a exceder 20 mil exemplares, ocorrendo, por vezes, reedições. Conclui-se, a partir dessas informações, o quão significativas se fazem, na atualidade, pesquisas de resgate histórico, que revitalizam produções literárias de suma importância para uma nova leitura do cânone.

## REFERENCIAS

DUARTE, Constância Lima. Vozes mulheres para além do Atlântico: a presença feminina no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. Texto apresentado no II Encontro Luso-Afro-Brasileiro “As mulheres e a imprensa periódica”, Universidade de Lisboa, 16 e 17 de julho de 2013.

DUARTE, Constância Lima. Imprensa de mulheres no Brasil e suas interlocuções com o periodismo português. In: AREIAS, Laura; PINHEIRO, Luís da Cunha (Coord.). **As mulheres e a imprensa periódica**. CLEPUL: Lisboa, 2014.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Dicionário de Mulheres**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. (verbete: SANDOVAL, Rosália)

FONSECA, Luciana. Rosália Sandoval. In: BRANDÃO, Izabel; ALVES, Ivya (Org.). **Retratos à margem**: antologia de escritoras das Alagoas e Bahia (1900-1950). Maceió: UFAL, 2002.

MARQUES, Reinaldo. Memória literária arquivada. **Aletria**, v. 18, p. 105-119, jul./dez. 2008.

MUZART, Zahidé. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 11, n. 1, Jan./Jun. 2003.

MUZART, Zahidé (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX** – vol. II. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

ROMARIZ, Andrea Germano de Oliveira. **O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro**: um ensaio para um projecto maior? Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos – Cultura Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. A biografia, um bem de arquivo. **ALEA**, v. 10, n. 1, p. 121-129, jan./jun. 2008.

**Recebido: 30.04.15 | Aprovado: 30.07.15**